

RUA CELSO FERRAZ DE CAMARGO

Decreto nº 4603 de 13-01-1975

Formada pela rua 75 da Cidade Universitária Campi-
neira

Início na rua Dr. Gabriel Porto

Término na rua Giuseppe Maximo Scolfaro

Cidade Universitária Campineira

Distrito de Barão Geraldo

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal Lau-
ro Péricles Gonçalves. Protocolado nº 28.889 de 02-10-1974 em nome da ve-
readora Clara de Oliveira.

CELSO FERRAZ DE CAMARGO

Celso Ferraz de Camargo nasceu em Campinas em 12-novembro-1896 e faleceu em Campinas em 23-julho-1974. Era filho de Otaviano Ferraz e Gertrudes de Camargo Ferraz e foi casado com Luiza Sampaio Ferraz, deixando descendentes. Celso Ferraz de Camargo estudou no Colégio São Luiz, da cidade de Itú e depois, no Instituto "Cesário Mota", desta cidade. Entre as muitas atividades exercidas, foi secretário da antiga Escola Normal "Carlos Gomes", onde, em 1935, por concurso de títulos e provas assumiu a cadeira de Historia Geral e do Brasil, por onde se aposentou, e onde grangeou a simpatia, admiração e respeito dos alunos e colegas, mercê seu cavalheirismo, bondade e competência. Ali, além de mordenizar o ensino de História, fundou o Centro de Debates Históricos "Euclides da Cunha", de elevado nível e grande importancia no ensino e cultura de Campinas. Colaborou no "Diário do Povo", "Correio Popular" e "A Defesa", todos jornais de Campinas e redatoriu o "Comércio de Campinas" e a "Gazeta de Guariba". Lecionou em outros colégios desta cidade: Ginásio Diocesano "Santa Maria", Colégio "Cesário Mota", Colégio "Sagrado Coração de Jesús", Escola de Comércio "Carlos ^{de}encastre" e Liceu Salesiano "Nossa Senhora Auxiliadora". Foi um dos fundadores da Associação Campineira de Imprensa e do Centro Cultural Intelectual da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, onde liderou, na época, o movimento para a vinda à Campinas do piano que pertenceu ao maestro Carlos Gomes, que se encontrava em Belém do Pará e que hoje, se constitui na principal peça do museu dedicado ao insigne maestro, no Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas. Fez parte das diretorias da Associação dos Professores do Ensino Secundário e Normal Oficial, do Centro de Ciências, Letras e Artes, da Associação Campineira dos Funcionários Públicos e outras entidades. Pertenceu ao Instituto Historico e Geográfico de São Paulo e dezenas de outras entidades congeneres no ambito nacional e internacional. Participou da Revolução Constitucionalista de 1932, formando no Batalhão "Raposos Tavares" e fundador da Federação dos Voluntários de São Paulo e em sua transformação no Partido Constitucionalista.

DECRETO N.º 4.603, DE 13 DE JANEIRO DE 1975.**Dá denominação a uma via pública da Cidade de Campinas.**

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX, do artigo 39, do Decreto-Lei Complementares n.º 9, de 31 de dezembro de 1969,

D E C R E T A:

Artigo 1.º — Fica denominada CELSO FERRAZ DE CAMARGO (1896 - 1974) — Professor ilustre —, a Rua 75 da Cidade Universitária Campineira, com início à Rua 44 e término a Rua 54 do mesmo loteamento.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 13 de janeiro de 1975.

DR. LAURO PERICLES GONÇALVES

Prefeito Municipal

DR. JOAO BAPTISTA MORANO

Secretário dos Negócios Jurídicos

ENGO. JOAO POZZUTO NETO

Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Consultoria Jurídica da Secretaria de Negócios Jurídicos, com os elementos constantes do protocolado n.º 28.889, de 2 de outubro de 1974, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 13 de janeiro de 1975.

DR. ARMANDO PAOLINELLI

Chefe do Gabinete



O prof. Celso Ferraz de Camargo nasceu em Campinas em 12 de novembro de 1896 filho de Otaviano Ferraz e Gertrudes de Camargo Ferraz. Estudou no Colégio São Luiz de Itú e após no Instituto Cesário Mota desta cidade.

Entre muitas atividades foi secretário do Inst. Carlos Gomes e em 1935 por concurso de títulos e provas assumiu a cadeira de História Geral e do Brasil onde se aposentou.

Ao assumir a cadeira, sua primeira preocupação, foi dota-la de uma sala ambiente ao lado de um centro, para atividade extra escolar. Este realizou logo, fundando o Centro de Debates Históricos Euclides da Cunha, aquele demorou mais.

Colaborou na fundação da Associação Campineira de Imprensa, do Centro Cultural Intelectual, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras onde liderou na época o movimento para vinda à Campinas do piano que pertenceu a Carlos Gomes que se encontrava em Belém do Pará e que constitui a principal peça do museu dedicado ao insigne maestro. Fêz parte das diretorias do Centro de Ciências e Letras, da Associação dos Professores do Ensino Secundário e Normal Oficial, da Associação dos Empregados do Comércio de Campinas, da Ação Católica, da Associação Campineira de Funcionários Públicos e outras mais. Foi sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, da Sociedade Brasileira de Filosofia do Rio de Janeiro, do Instituto Genealógico Brasileiro, do Instituto Heráldico Genealógico, da Junta Nacional de História de Montivideo, da Sociedad de Geografia de Lima, do Ateneo de Valparaiso, da Societé Sientifique du Chile, da Societé Internationale d'Histoire de Paris, da Sociedad de Geografia e História de Honduras, do Instituto Histórico e Geográfico de Santos, do Centro Cultural "Euclides da Cunha" de Ponta Grossa etc.. Colaborou nos jornais locais Diá-



rio do Povo, Correio Popular, A Defesa, redatoriou o Comércio e em Guariba a Gazeta de Guariba. Lecionou nos Colégios Ginásio Diocesano "sta. Maria", "Cesário Mota", "Sagrado Coração de Jesus", "Carlos Lencastre", "Nossa Senhora Auxiliadora". Escreveu os seguintes trabalhos: Campinas, Geografia e História; Ação Católica; Mauricio de Nassau; Galileu perante a História; Brasil, a terra e o homem; Apostilas da Civilização Brasileira; Orações de Parainfo.

Compartilhou da Revolução constitucionalista, formando no Batalhão "Raposos Tavares". Esta participação, levou-o à política de um modo mais direto, tomando parte ativa na fundação do núcleo local da Federação dos Voluntários de São Paulo e na transformação dela no Partido Constitucionalista, de ambos fazendo parte dos diretórios desta cidade.

Foi Secretário do Museu Aquilinosziano de Campinas.

Secretário do Centro de Ciência Letras e Artes, trabalhou bastante, para fundar o plano de Carlos Gomes, que se achava em desuso do Paço.

*Fal. em 23.07.1974
(informação fornecida pela
filha Maria Helena)*



Nome de Celso Ferraz de Camargo para rua da cidade

15-1-1935 - Camargo

Num gesto de inteira justiça, o prefeito municipal, Lauro Pericles Gonçalves, promulgou o projeto que dá a uma rua da Cidade Universitária (rua 75, com início à rua 44 e término à rua 54 do mesmo loteamento) o nome do saudoso professor, Celso Ferraz de Camargo, que durante muitos anos lecionou no Instituto de Educação "Carlos Gomes", grangeando a estima geral dos alunos e colegas, mercê seu cavalheirismo e bondade e que como secretário do Centro de Ciências, Letras e Artes, teve atuação decisiva nas demarches para trazer para Campinas o piano de Carlos Gomes, que se encontrava em Belém do Pará e que constitui hoje a peça principal do Museu dedicado ao insigne compositor e maestro, peça de alto valor histórico e que, na época, era também cobiçada pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Não fosse o intenso trabalho desenvolvido por Celso



Celso Ferraz de Camargo

Ferraz de Camargo, Campinas não contaria hoje, como uma autêntica preciosidade, o piano de Carlos Gomes, que é carinhosamente preservado no aludido Museu, sob cuja guarda se encontra.

VELHOS Mestres. [s.n.t.].

Velhos mestres

O professor Celso Ferraz de Camargo lecionou História Geral e do Brasil na antiga Escola Normal de Campinas, hoje EEPSC Carlos Gomes. Antes disso, foi secretário da mesma escola também durante muito tempo. Culto, inteligente, um verdadeiro gentleman, o professor Celso lutou no front durante a Revolução

Constitucionalista de 1932.

Organizou para seus alunos um museu de história, com um setor sobre São Paulo na luta contra a ditadura. Junto ao museu, uma biblioteca especializada, tudo no prédio da própria escola. Mais tarde esses setores foram desativados, o que foi uma pena.

O professor Celso pertenceu ao MMDC e sempre manteve vivos os laços com os antigos companheiros, voluntários de 32.

Marcou época na escola como mestre, amigo, bondoso e de invejável cultura. Faleceu há muitos anos e bem que merecia ter seu nome perenizado numa escola da cidade.